



A ELABORAÇÃO DO LUTO INFANTIL: COMO COMUNICAR A PERDA ÀS CRIANÇAS

CHILD GRIEF ELABORATION: HOW TO COMMUNICATE THE LOSS TO CHILDREN

Helena Brandl Campos¹

Breno Leone Ferreira Naves²

Clara Costa Bosi³

Carolina Silva Marques⁴

Amanda Silva Medeiros⁵

Laura Giovanna Magalhães de Melo⁶

Arielle Moreira Marques⁷

Elizama Silva de Oliveira⁸

Betânia Diniz Gonçalves⁹

RESUMO: A morte é um momento inevitável para os seres humanos, pelo qual todos passarão um dia. Consequentemente, durante a vida, é normal vivenciar o falecimento de outras pessoas, muitas vezes queridas para o indivíduo que as perdem. Experimentar a perda de alguém significa, quase sempre, passar por um processo de luto, que costuma trazer à tona sentimentos negativos e de sofrimento. No caso das crianças, não é diferente: o luto está presente na infância de muitas, mas costuma ser negligenciado por adultos que não as veem como capazes de processar uma situação de tamanha complexidade. Diante disso, o presente artigo busca compreender qual é a melhor forma de comunicar uma criança, com idades entre os 5 e os 7 anos, o óbito de um familiar querido, bem como a necessidade de se incentivar o processo do luto infantil. Dessa forma, foram realizadas tanto uma pesquisa teórica sobre o assunto quanto entrevistas com profissionais e pessoas que acompanharam de perto o luto de um parente ou passaram pelo luto durante a infância. Por fim, a importância dessa pesquisa se pauta na possibilidade de produzir sustentação teórica capaz de conscientizar pais e responsáveis para comunicarem de forma adequada a perda à criança e na proteção da saúde mental de indivíduos no fim do estágio pré-operatório, definido por Piaget.

PALAVRAS-CHAVE: Luto, luto infantil, infância, estágio pré-operatório, perda, comunicação.

ABSTRACT: Death is an inevitable moment for human beings, which everyone will go through one day. Consequently, during life, it is normal to experience the death of other people, often dear to the individual who loses them. Experiencing the loss of someone almost always means going through a grieving process, which usually brings up negative feelings and suffering. In the case of children, it is no different: grief is present in the childhood of many but is often neglected by adults who do not see them as capable of processing such a complex situation. Therefore, this article seeks to understand the best way to communicate a child, aged between 5 and 7 years old, the death of a dear family member, as well as the necessity of encouraging the child mourning process. In this way, both theoretical research on the subject and interviews with professionals and people who closely followed the grief of a relative or went through grief during childhood were carried out. Finally, the importance of

¹ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. lenabrandl91@gmail.com

² Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. navesbreno@gmail.com

³ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. claracbosi@gmail.com

⁴ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. ccarolinasmarques@gmail.com

⁵ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

amandasilvam.amanda@gmail.com

⁶ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

⁷ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. ariellemarques17@gmail.com

⁸ Estudante de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. elizamasilvaoliveira@gmail.com

⁹ Professora Adjunta IV da FAPSI PUC Minas. Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP/Núcleo Psicologia Política. Mestre em Psicologia Social pela UFMG. Graduada em Psicologia pela PUC Minas e em Ciências Sociais pela UFMG.

this research is based on the possibility of producing theoretical support capable of raising the awareness of parents and guardians to adequately communicate the loss to the child and the protection of the mental health of individuals at the end of the preoperative stage, defined by Piaget.

KEYWORDS: Mourning, Child Grief, Childhood, Preoperative Stage, Loss, Communication.

1 INTRODUÇÃO

O luto faz referência a um processo que se inicia a partir da perda de uma pessoa querida: a pessoa enlutada entra em um estado de recolhimento, no qual passa por uma trajetória emocional complexa. Durante esse tempo, é comum que o indivíduo enlutado aparente estar sempre triste, tenha crises de choro, se recuse a sair de casa e perca o interesse em atividades que antes amava. No caso do luto infantil, a criança vivencia, além das situações citadas, a percepção da sua própria finitude da vida, de modo a fragilizar ainda mais seu estado emocional. Segundo Franco e Mazorra (2007), “a separação por morte configura-se um potencial estressor para a criança, podendo colocar em risco a sua segurança e sobrevivência emocional” (Franco; Mazorra, 2007 apud Aton; Favero, 2011). Ademais, Cole e Cole (Cole; Cole, 2003 apud Aton; Favero, 2011) trazem à discussão o fato de que a família da criança, que se configura como seu porto seguro normalmente, também estará fragilizada, aumentando o impacto do evento. Essas questões tornam o luto infantil um assunto complexo que merece ser aprofundado. O reconhecimento desse tema é importante para se ter um acompanhamento apropriado para a criança, além da orientação da família para a busca por terapia, com a finalidade de ajudar as crianças afetadas por tais perdas.

Para abarcar a compreensão de como a morte é entendida pela criança, faz-se relevante também o conhecimento de qual momento do desenvolvimento essa criança se encontra. De acordo com Piaget (1964), existem quatro grandes estágios desenvolvimentais da criança. O primeiro que consiste no estágio sensório-motor que acontece entre zero e dois anos de idade, o estágio pré-operacional, entre os 2 e os 7 anos de idade, o estágio operacional-concreto entre os 7 e os 11 anos de idade e operacional formal, a partir dos 11 ou 12 anos de idade (Piaget apud Nunes, 1998). Nesta pesquisa, o foco são crianças no estágio pré-operatório, especialmente entre os 5 e os 7 anos de idade.

Segundo Nunes (1998), a criança, independente da sua idade, já consegue vivenciar o luto ao perder um familiar ou pessoa querida; no entanto, sua compreensão sobre o processo de morte e de luto está intimamente relacionado com a postura que sua família adota frente ao acontecimento, de maneira a acolher a criança em sua dor e de confortá-la caso tenha dúvidas.

Falar sobre este tema é difícil, pois ainda hoje persiste uma severa resistência da família enlutada, que diante da perda reage de forma a omitir a verdade ou sustentar argumentos fantasiosos ou divinos, com o propósito de preservar a criança do que aconteceu. Contudo a criança, desde pequena, já faz suas observações e é necessário que haja apoio para conversar sobre o ocorrido, de forma simples e natural para o seu entendimento.

A questão da origem da vida e da morte está presente na criança, principalmente no que concerne à separação definitiva do corpo. Ela tem uma aguda capacidade de observação e quando o adulto tenta evitar falar sobre o tema da morte com ela, a sua reação pode ser a manifestação de sintomas. Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada, sem ter com quem conversar (Kovács, 1992, p. 49).

Portanto, este trabalho de pesquisa teve como objeto de estudo o luto infantil, com o propósito de investigar e analisar as respostas de pessoas que passaram pelo luto na infância, que já noticiaram a morte à uma criança e psicólogos que trabalham com esse assunto. Além disso, a pesquisa teve a finalidade de coletar informações acerca das concepções que a criança tem a respeito da morte e como se dá a manifestação de seus sentimentos em relação a perdas significativas, fazendo uma análise a partir do contexto teórico pesquisado, visando trabalhar no estágio pré-operatório, as melhores maneiras de falar sobre a morte a uma criança e quem deverá dar a notícia do falecimento.

2 MARCO TEÓRICO

2.1 Definição conceitual do que é o luto infantil

Primeiramente, é válido ressaltar que o luto, apesar de complexo, é considerado um processo natural vivenciado pelas pessoas diante da perda. Nesse viés, mesmo que extremamente doloroso e difícil, não pode ser categorizado como uma patologia humana. O enlutado não é uma pessoa doente, mas um indivíduo passando pela superação da perda de um objeto querido a ela. Para Freud, “o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como os pais, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (Freud, 1974, p. 275 e 276).

Por mais que o processo do luto possa ser longo e desafiador para os indivíduos enlutados, na medida em que não possui uma sequência pré-determinada para ocorrer, podendo ser linear ou não, ele desaparece com o tempo. Assim, o luto pode ser considerado passageiro,

já que após ser vivenciado, restam apenas memórias dos falecidos, sendo superado o objeto da perda (Freud, 1974). Diante disso, por ser considerado tão normal na vida dos indivíduos, é inadequado interferir no processo, de tal maneira que as pessoas precisam vivenciar essa experiência para superar a perda de forma completa. No caso do luto infantil, no qual essa perda se dá no contexto da infância, pode haver efeitos consideráveis e diversos no desenvolvimento da criança quando a questão da morte não é trabalhada e o período de luto não é respeitado (Cruz et al., 2021).

Segundo Bromberg (2000), a elaboração da perda de um objeto amado para a criança é mais difícil, já que seu psiquismo ainda está em fase de construção e ela ainda é dependente das pessoas que garantem sua sobrevivência física e seu desenvolvimento emocional. Sob essa lógica, são diversos os efeitos causados pela morte de algum ente próximo dessa criança, pois essa perda cria nela sentimento de desamparo e impotência (Franco; Mazorra, 2007). Neste sentido, Bowlby (1973/1998), defende a ideia de que ao perder alguém que se tenha um vínculo pode haver reações como o medo do abandono, a saudade de quem foi perdido e também a raiva por não poder rever essa pessoa.

Para compreender a maneira como essa criança lida com a perda e o luto, é importante investigar qual o conceito que ela tem sobre a morte, além de analisar como ela imagina essa morte ao longo do seu desenvolvimento cognitivo. Ademais, é de extrema importância entendermos que esse processo de luto deve ser trabalhado da melhor forma, para não desencadear efeitos negativos futuros, já que quando não é vivido da maneira adequada durante a infância isso pode retornar na fase adulta em forma de crises de ansiedade, fobias, insônia e pesadelos (MENDES, 2009), afetando a qualidade de vida do indivíduo.

2.1.1 Luto infantil e o impacto da pandemia

A pandemia da Covid-19 impossibilitou, em grande escala, a realização de rituais que ajudam o ser humano a lidar com a perda, o que trouxe à realidade uma maior tragicidade no processo de luto, já que, com a inexistência de cerimônias fúnebres, o alento e a ajuda proporcionados por elas desapareceram completamente (Sousa, 2020). Os ritos podem ser entendidos como um conjunto de condutas individuais ou coletivas com forte carga simbólica para os indivíduos que compreendem sua realização, promovendo a adesão mental de valores e sentimentos (Rivière, 1997). No caso das despedidas em ritos fúnebres, o papel do rito se relaciona diretamente com a elaboração do luto na medida em que há uma assimilação dos

sentimentos trazidos pela morte com a nova realidade, o que permite as mudanças necessárias para a transição à um novo momento da vida (Souza; Souza, 2019).

[...] a dedicação presente nos rituais relacionados à morte possibilita aos vivos amenizar possíveis sentimentos de culpa, sendo o ritual fúnebre necessário para a maturação psicológica por ter atribuições relevantes, como ajudar o indivíduo a confrontar-se com a perda concreta, entrando no processo de luto e possibilitando-lhe também a manifestação pública de seu luto (Souza; Souza, 2019, p. 6).

Como explica Fuchs (2018), o trabalho de elaboração do luto não consegue avançar caso não haja um reconhecimento concreto da morte. Quando não há uma explicação clara para os fatores que levaram à perda de alguém, os indivíduos tendem a ficar num estado paralisante entre a esperança do retorno e a aceitação de que não há mais volta (Fuchs, 2018). Dessa forma, a separação com o ente querido que faleceu pode se tornar ainda mais difícil, já que na ausência de cerimônias de despedida provocada pela pandemia, se observa a existência de sentimentos de incompletude e falta, como se o processo não pudesse ser finalizado ou mesmo que seja reversível (Dantas et al., 2020).

No caso das crianças, as implicações da pandemia no luto ainda não são claras, o que pode ser evidenciado pela ausência de material teórico suficiente para avaliar e mensurar os impactos reais, seja a curto ou a longo prazo. Todavia, como se trata de um processo que pode ser vivenciado em qualquer fase da vida, ou seja, da infância à velhice, conclui-se ser possível dizer que todas as implicações supracitadas devem ser consideradas, também, no universo infantil.

2.2 Comunicação efetiva: quais as melhores maneiras de falar sobre a morte a uma criança

Falar sobre a morte com crianças pode ser uma tarefa muito desafiadora para os adultos, já que costumam pensar que elas ainda não estão prontas emocionalmente para lidarem com esse acontecimento. Em razão disso, este passa a ser um assunto não muito abordado com elas (Yamura; Veronez, 2016). Entretanto, deixar de falar ou esconder a notícia da morte para uma criança com o intuito de diminuir o sofrimento, na verdade, causa efeitos contrários, visto que isso apenas dificulta a elaboração do luto e a compreensão da morte (Aberastury, 1984 apud Roncatto, 2019).

Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada sem ter com quem conversar (Kovács, 1992, p. 48).

A comunicação efetiva possibilita que dificuldades e incertezas acerca da perda do ente querido não se concretizem, além de permitir o fortalecimento do sentimento de segurança e a ocorrência de um bom relacionamento entre o agente comunicador e a criança que recebe a notícia da perda (Pereira, 2018). Dessa maneira, a aceitação da morte ocorre mais facilmente. Nesse sentido, anunciar a perda de alguém às crianças é necessário e deve haver muita cautela ao fazê-lo. Por isso, esse anúncio deve ser feito a partir de uma comunicação efetiva entre o agente que dará a notícia e a criança, ou seja, “o diálogo deve ser franco e claro, através de informações verdadeiras e honestas” (Yamura; Veronez, 2016, p. 89).

Muitas vezes a comunicação da perda não ocorre de forma ideal, pois, na atualidade, as pessoas evitam o contato com a tristeza, o que leva a uma supressão dos sentimentos numa totalidade (Pereira, 2018). Sendo assim, os indivíduos marcados pela perda procuram voltar o mais rápido possível à normalidade, de maneira a superar e esquecer o que aconteceu (Pereira, 2018). Essa atitude reflete no diálogo que se tem com a criança no anúncio da morte: há o uso de metáforas prejudiciais à compreensão da situação, há um bloqueio de memórias do ente perdido, há o desprezo pelas perguntas e sentimentos da criança, entre outras ações.

Segundo Pinto e Veiga (2005), uma forma adequada de comunicar a morte à criança é justamente através da passagem de informações honestas, contando sobre a perda através de uma linguagem compreensível à faixa etária do sujeito e buscando compreender o conceito que ele tem sobre a morte. É importante também estar aberto às possíveis dúvidas, respondendo e escutando de forma empática, além de envolver esse diálogo tanto no âmbito familiar, quanto no escolar, de forma branda. Além disso, de acordo com Färber (2013), ao ter essa conversa com a criança é necessário oferecer apoio emocional, o qual pode ser realizado a partir de contato físico e afagos.

Outra estratégia é utilizar de contos e histórias para ressignificar o acontecimento da morte, sugerindo à criança uma interpretação mais positiva. Entretanto, é importante ressaltar que, ao se utilizar de histórias e metáforas para comunicar a perda, deve-se garantir que a criança tenha compreendido de forma adequada, já que, segundo Klein (2017), falas como “virou uma estrelinha” podem fazer a criança acreditar que a pessoa ainda tem chance de retornar, gerando certa confusão e prejudicando o processo de elaboração do luto. Portanto, a comunicação efetiva é de suma importância para dar a notícia de uma perda às crianças e é a partir dela que a elaboração do luto se torna mais fácil para a criança afetada, uma vez que o

comunicador exerce um papel marcante em meio a essa experiência traumática, isto é, a maneira como ele comunica a morte pode ajudar na compreensão da situação por parte da criança ou pode dificultar sua experiência de vivência do luto. Por fim, segundo Batistelli (2010), com esse processo bem trabalhado, ela é capaz de até mesmo compreender que a pessoa perdida continua na memória, recordando-se de quem se foi de forma amorosa, trazendo assim, benefícios à experiência da criança.

2.3 Características das crianças no período pré-operatório e a compreensão da morte

Para Barbosa (2010), fatores como a personalidade, a idade, os desenvolvimentos psicossocial e cognitivo, questões familiares e do contexto em que essa criança vive impactam e moldam diretamente o modo como ela passa pelo luto. Nesse sentido, apesar de a idade figurar como um aspecto importante, ser criança não é um impedimento para a compreensão do luto, uma vez que elas também são capazes de compreender e internalizar sentimentos relativos ao processo. É importante ressaltar também que, “ao longo do desenvolvimento do pensamento e da forma de abordar o mundo, a criança vai alterando e aperfeiçoando a sua concepção de morte” (Catarino et al., 2010, p.3).

O período pré-operatório, segundo a concepção psicogenética de Jean Piaget (1984), é marcado por ser o período que se inicia com a aquisição da linguagem propriamente dita e que se estende até surgimento da inteligência representativa, ou seja, é aquele que faz a transição da inteligência prática para o pensamento dissociado da linguagem. É com o surgimento da linguagem que a criança estabelece uma íntima relação com o mundo social e as representações interiores. Ademais, nesse período a criança repetirá parcialmente, de forma diferenciada ou nova, as adaptações já elaboradas no período sensório-motor (período anterior).

Speece e Brent (1984) focam o entendimento do desenvolvimento do conceito de morte a partir de três componentes básicos: irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. Conceitos que indicam, respectivamente, o entendimento de que uma vez que o corpo físico morre, ele não pode ser vivificado novamente, a compreensão de que, uma vez que um ser vivo morre, todas as capacidades típicas de definição de vida do corpo físico vivo cessam, e a ideia de que todas as coisas vivas devem eventualmente morrer. Os autores apontam que a maioria das crianças saudáveis conseguem compreender estes 3 componentes entre 5 e 7 anos de idade, na transição dos períodos descritos por Piaget como pré-operatório e operatório concreto, mostrando que, nessa faixa etária, o indivíduo já é capaz de absorver e entender o contexto da morte. Contudo, Torres (2002) destacou que, em diversos estudos, apesar da relação encontrada

entre o desenvolvimento cognitivo e o conceito de morte, ainda existe falha na explicação sobre o motivo de determinada etapa ser um pré-requisito para atingir um nível particular de compreensão de conceitos abstratos, como o da morte.

Portanto, a explicação da morte deve ser feita numa linguagem adequada à faixa etária a qual se transmite a informação e ao nível cognitivo da criança, através de conceitos concretos e expressões reais e deve-se dar espaço para que ela expresse suas dúvidas e questões. Nesse sentido, é de extrema importância a comunicação adequada ao período em que a criança está inserida, pois, segundo Kübler-Ross (2011 apud Roncatto, 2019) “a repressão dos sentimentos conduz ao conflito e aos desequilíbrios no desenvolvimento” (Kübler-Ross, 2011 apud Roncatto, 2019, p. 27), como intensas emoções de culpa, de raiva, de abandono e negação da perda (Leandro; Freitas, 2015).

3 METODOLOGIA

Entre diversas opções de métodos para a realização desta pesquisa qualitativa, optou-se pela entrevista semiestruturada, que conta com perguntas de ordem preestabelecida acerca do tema abordado e que podem sofrer alterações de acordo com a necessidade do entrevistador e o andamento da entrevista, o que concede maior flexibilidade ao processo como um todo. Diante desses fatores, a escolha por esse modelo de entrevista se justifica pois, segundo Silva et al. (2006), ele possibilita maior liberdade, uma vez que o entrevistador pode explicar as perguntas de uma forma mais clara e se adaptar mais facilmente ao contexto da pesquisa. Além disso, também é possível captar a expressão corporal do entrevistado, a sua tonalidade de voz e a ênfase dada a certas respostas, características essenciais para a interpretação completa das informações obtidas.

Tendo isso em vista, o grupo teve como objetivo entrevistar não só profissionais da saúde que tenham contato com as crianças enlutadas, como também os familiares de pessoas que perderam algum ente querido na infância e pessoas que passaram pela perda nesse período, que puderam nos dar uma perspectiva diferenciada sobre a situação, contribuindo para a melhor compreensão do processo do luto. Por fim, definiu-se como sendo um número adequado de indivíduos para entrevistar: duas psicólogas que trabalham diretamente com o luto infantil em suas práticas, uma pessoa que tenha comunicado a perda à uma criança e uma que tenha perdido um parente próximo durante a infância. É importante ressaltar que as entrevistas foram transcritas e examinadas a partir do método de análise de conteúdo.

Dentro desse contexto, levando em conta a delicadeza da situação que foi estudada e a vulnerabilidade na qual os sujeitos enlutados e os envolvidos se apresentaram, fica clara a necessidade de um cuidado específico com a preservação do respeito pelos indivíduos e pelos seus direitos quanto à privacidade e aos limites individuais em relação ao que se sentiram confortáveis de falar na pesquisa. Outrossim, deve-se lembrar que ao abordar um tema que estuda os processos das crianças, mesmo que sem entrevistá-las de forma direta, o cuidado com o respeito e a questão ética deve ser redobrado, haja vista a maior vulnerabilidade em que se encontram.

Com o intuito de garantir o respeito, esta pesquisa se baseou em artigos científicos, livros, vídeos, dados e sites que forneceram uma sustentação teórica confiável para que fosse possível trabalhar com a situação estudada da melhor forma possível. Desse modo, para lidar com os processos de luto nesta abordagem, foi necessário que a multiplicidade desse conceito fosse considerada e respeitada, bastando ver que ele é um processo individual, específico para cada pessoa (Ramos, 2016).

Outro ponto absolutamente importante para a realização do trabalho é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que consiste em um documento desenvolvido pelo pesquisador, em linguagem acessível para o respondente da pesquisa, que deixa claro as possíveis consequências e impactos devido ao fornecimento dos dados à pesquisa. Portanto, ao assinar o termo, o sujeito entrevistado declara que entendeu de forma clara e está ciente e disponível para enfrentar os possíveis pontos negativos e positivos, bem como os resultados das informações que ele forneceu para serem analisadas.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

4.1 Descrição das entrevistadas

A primeira entrevistada foi Mônica, de 34 anos, que é graduanda em uma universidade particular e recebeu a notícia da morte da mãe de uma maneira abrupta e imediata aos seus 7 anos. Em seguida, Luciana, de 20 anos, foi entrevistada: ela também é uma graduanda em universidade particular e é prima da criança que passou pelo luto infantil, além de também ser uma das responsáveis pela comunicação da perda para a criança. Por sua vez, Ágata, de 29 anos e psicóloga, foi entrevistada devido a sua atuação em Brumadinho, ao ajudar as famílias das vítimas do desastre que ocorreu na área e atender crianças e adolescentes que passaram pelo luto. E, por fim, a última entrevistada foi Bárbara, de 33 anos, que é psicóloga, pedagoga e

psicopedagoga. Ela também sofreu com o luto infantil ao perder seu pai aos 9 anos e, atualmente, trabalha com a questão do luto infantil e com a preparação para o processo da perda do ente querido.

4.2 Análise das diferentes maneiras de falar sobre a morte com uma criança

O processo de luto é particular ao indivíduo, e, apesar de ser possível pensar em características psíquicas comuns e inerentes ao ser humano que se relacionam com a elaboração do luto em todas as pessoas, é inegável a necessidade de se analisar o contexto em que as pessoas vivem antes de contá-las sobre a morte de algum ente querido. Dessa forma, não há uma fórmula a ser seguida quando a demanda é comunicar uma perda, ou seja, a melhor maneira de fazê-lo depende de diversos fatores, como o nível de parentesco e a proximidade entre o falecido e a criança, quem contará a notícia, o contexto familiar e da morte, entre outros.

Durante as entrevistas realizadas nesta pesquisa, foi possível observar diferentes situações que dizem respeito às formas pelas quais a morte de um ente querido foi comunicada às crianças, e como isso afetou, de alguma forma, a elaboração do luto e a experiência e expressão dos sentimentos. Com isso, alguns pontos foram levantados a partir da fala das entrevistadas, os quais serão analisados a seguir.

4.1.1 As variadas formas de comunicação da perda

A primeira questão a se pensar é a clareza da comunicação, que deve ser feita de maneira a garantir o entendimento da criança sobre o que está acontecendo. Como a pesquisa tem um enfoque em crianças no estágio pré-operatório, especialmente dos 5 aos 7 anos, é relevante considerar alguns aspectos dessa fase do desenvolvimento em relação à compreensão da morte. Fatores como a universalidade e a irreversibilidade da morte já podem ser entendidos por crianças dessa faixa etária (Speece; Brent, 1984), mas a utilização de meios lúdicos pode auxiliar a comunicação por proporcionar um acolhimento e uma imersão maiores.

Como explica Bárbara, uma das psicólogas entrevistadas, é importante se comunicar com a criança em uma linguagem que a faça entender a morte do ente querido. Uma das alternativas apontadas pela profissional é justamente a comunicação por meios lúdicos, como a utilização de histórias e personagens que permitam a identificação da criança com os acontecimentos em questão, o que pode facilitar a compreensão do que, de fato, está acontecendo.

[...] a gente se identifica bastante né, com personagens da Disney, a gente se identifica com personagens de filmes ou né, enfim, com histórias e coisas parecidas com aquilo que a gente vivencia. [...] então se você falar em uma linguagem que é adequada para elas, elas têm essa compreensão, esse entendimento. E às vezes não só por meio de livros, né? Uma coisa que a gente usa bastante também são cartinhas, no sentido dela entender, dela saber o que ela tem de concepção, o que ela entende por morte, por luto, o que ela entende que é o fim da vida e da pessoa. (Bárbara, 33 anos, psicóloga que passou pelo luto infantil).

Dessa maneira, utilizando-se das informações obtidas na entrevista da Luciana, que foi a responsável por informar seu primo de seis anos sobre a morte de seu avô e que escolheu comunicá-lo através de uma forma lúdica (“ele foi para o céu”), percebe-se que há uma tendência pela preferência dessas alegorias e metáforas para noticiar a perda, visto que podem ser benéficas para o processo e que anunciar de uma forma abrupta impossibilita o entendimento da criança e dificulta o seu processo de luto, que se torna instável.

Todavia, ressalta-se a necessidade de não haver omissão da situação por completo: é importante que a criança entenda que a pessoa amada morreu e não voltará. Situações em que se utiliza de frases como “ele foi embora” ou “virou estrelinha” podem dar a entender que o falecido pode retornar ou que apenas se mudou para outro lugar (Klein, 2017), como no caso do primo de Luciana, que não entendia por que todos estavam chorando, já que para ele “o vovô só tinha ido morar em outro lugar”.

[...] eu tenho a impressão que ele não entendeu no primeiro momento o que aconteceu ali, porque pra ele foi irrelevante a informação da notícia, ele não entendeu o motivo do choro e, quando ele percebeu o motivo do choro, ele perguntou por que que a gente tava chorando sendo que o vovô só tinha ido morar em outro lugar. (Luciana, 20 anos, comunicou a perda a um primo).

[...] e ele sentir aquela dor, e pedir pra ver, pedir pra visitar e não ter como, e principalmente dele me mostrar cartinhas que ele tinha escrito, que ele queria entregar, que ele queria pôr no correio pra enviar, essas coisas assim, mais no dia a dia, de pedir pra contar história, de pedir pra ver foto. (Luciana).

Visto a variedade de opiniões compartilhadas nas entrevistas realizadas, é possível perceber que cada entrevistada vê a comunicação do luto de uma forma diferente. Em primeiro momento temos o relato de Mônica, que viveu o luto infantil aos sete anos e que recebeu a notícia de uma maneira abrupta. Ela acredita que a melhor maneira de receber a notícia do falecimento de uma pessoa amada seria por meio de alguém próximo a criança e que tivesse um relacionamento positivo, situação que não foi vivenciada por ela.

[sobre a prima] Ela me trancava no banheiro, porque ela não queria que eu brincasse com as coisas dela, né, assim, ela me trancava no banheiro porque ela não queria que eu brincasse com as amigas dela, então assim, ela não era uma referência positiva pra mim, e ela simplesmente ir lá e me soltar a bomba [contar sobre a morte da mãe de Mônica], né. [...] E assim, então talvez hoje, a análise que eu faço que naquele tempo, talvez ela ficou sabendo e já quis correr pra fofocar, e nem ela se tocava que aquele tipo de fala, talvez, né assim, me possibilitaria uma, um bloqueio igual eu tive. Se fosse uma outra pessoa, por exemplo, uma pessoa que eu tivesse mais afeto né, a minha vizinha que é uma segunda mãe que a gente tem, que chegasse pra mim, sentasse né, e conversasse como ela sempre conversa comigo com ótimos diálogos, igual sempre foi, chegasse e falasse, talvez fosse uma outra forma, talvez eu não tivesse ficado tão restrita mentalmente assim igual eu fiquei. (Mônica, 34 anos, passou pelo luto infantil).

Dessa maneira, a fala da psicóloga Ágata corrobora com o pensamento de Mônica, pois a profissional também acredita que a comunicação deve partir de um indivíduo chegado a criança, como os próprios pais. Ademais, essa proximidade de relação permitiria que a criança visualizasse o luto em outros, de modo a não se sentir sozinha na situação.

Em um segundo momento temos a entrevista de Luciana, responsável por comunicar a morte de seu avô a seu primo, que acredita que sua forma de transmissão da notícia foi ideal: ela contou à criança por meio de metáforas religiosas. Sua opinião se assemelha à da psicóloga Bárbara, que, como mencionado acima, prefere a utilização de histórias e fábulas para fazer a criança entender o acontecimento com base em uma linguagem mais simples.

De maneira geral, e como mencionado anteriormente no início desta análise, percebe-se que as diferentes maneiras de comunicar a perda indicam que não há uma forma verdadeiramente ideal de falar sobre esse assunto com a criança que passará pelo luto. Por mais que, segundo as psicólogas entrevistadas, Ágata e Bárbara, o melhor seja utilizar de metáforas não muito carregadas e de uma linguagem que seja compreensível para a criança, é também importante que a pessoa que fará a comunicação perceba qual será a forma mais adequada de dar a notícia. Como apresentado no caso de Luciana, que utilizou de eufemismos e a alegoria de o avô ir “morar no céu” para informar ao primo sobre o falecimento de seu ente querido, o que demonstra uma percepção por parte dela de entender que não seria possível dizer tão livremente que o avô havia morrido para uma criança de seis anos. Dessa forma, entende-se que o mais importante no momento da notícia é fazer a criança entender a mensagem final, seja por meio de livros ou de símbolos, e estar disponível para conversar com ela sobre o assunto, trabalhando para que haja a expressão dos sentimentos em questão.

4.1.2 Comunicação da perda: quem deverá dar a notícia do falecimento

É interessante considerar que a pessoa que irá comunicar a perda para a criança tenha um bom vínculo com ela, já que o nível de afetividade e proximidade são fundamentais para a reação e futuras consequências diante da comunicação. Na entrevista realizada com Mônica percebe-se que o fato de sua prima - com quem ela não tinha uma boa relação afetiva - ter sido a responsável por falar da morte de sua mãe impactou diretamente sua vivência do luto, uma vez que essa experiência fez com que esse processo se tornasse aversivo para ela ao longo de toda sua vida.

E eu não sei muito lidar com a morte até hoje nesse sentido, às vezes têm pessoas que morrem e eu não sei, o meu processo de luto é esse. É, assim, quando minha vó, mãe da minha mãe faleceu, foi assim, minha vó faleceu e foi um dia normal, como se nada tivesse acontecido, as pessoas chorando e eu tipo “que que tá acontecendo”, né, assim. A minha outra vó faleceu, a que me criou, as pessoas sofrendo, chorando e eu pensando “por que que essas pessoas tão chorando?”, eu não entendia aquilo. (Mônica)

[...] eu cheguei até o caixão pra vê-la né assim, porque desde esse episódio eu nunca mais quis ir em velório nenhum, também acho que é um tipo de bloqueio que aconteceu. (Mônica)

Percebe-se que no caso de Luciana, que tinha uma forte e positiva relação com o primo, o menino foi capaz de vivenciar o processo de luto de uma maneira mais confortável, com abertura para expressar seus sentimentos de forma livre e para fazer perguntas sobre o que havia ocorrido. Além disso, a presença de alguém próximo à criança é relevante por possibilitar uma conversa mais leve e fluida, na qual ambos podem expressar o sofrimento que estão passando e se conectar através da perda, já que essa proximidade permite que a pessoa responsável pela comunicação tenha um grau de sensibilidade maior por entender o contexto em que essa criança vive.

[...] por ele entender que eu também estava sentindo, ele sentia confortável de falar que tava doendo, não com essas palavras, ele falava que tava sentindo saudade, que ele queria visitar o vovô. E quando ele percebia que eu falava que eu também queria visitar o vovô, mas que eu também não podia ir, ele se sentia mais acolhido. Ele sentia que eu entendia o que ele tava passando. (Luciana)

Pode-se inferir, dessa forma, que a escolha da pessoa responsável pela comunicação da perda é extremamente importante para a vivência do luto a curto e longo prazo, sendo a melhor escolha parentes próximos, especialmente os tutores ou algum amigo da família, para que haja o devido acompanhamento e acolhimento ao longo da elaboração do luto.

[...] a gente sempre orienta que o pai conte, ele vem procurar a gente e pergunta “como é que eu conto?”. Mas não é a gente que conta, os pais contam ou a pessoa mais próxima da criança, que tiver ali, e sempre é uma reação de muito choro, é uma reação de surto. Agora, essa criancinha de dois anos eu ouvi, sobre isso, a forma como a psicóloga colocou né? [falar “aqui, eu preciso te falar, sua mãe morreu”] Muito seca pra ele, eu imagino uma criança levantando saindo e correndo, eu não imagino que ele tenha conseguido chorar, que ele tenha conseguido vivenciar aquela tristeza, eu acho que pode ter sido um choque. (Ágata, 29 anos, psicóloga)

Por fim, segundo Batistelli (2010), um luto bem elaborado está normalmente associado ao sentimento da criança de que dentro dela as pessoas podem continuar sendo lembradas, por meio das diversas memórias com o falecido. Nesse sentido, é importante haver espaço para uma expressão positiva da criança em relação ao indivíduo perdido, de modo que ela compreenda a perda do ente querido e também entenda que a morte não precisa se equiparar ao desaparecimento total de memórias e sentimentos relacionados ao falecido. Essa situação ocorre a partir de uma comunicação clara e efetiva sobre o que é a morte e quais os impactos dela no cotidiano da criança, para que não haja complicações de entendimento.

4.1.3 A importância da intervenção psicológica na elaboração do luto

Quando a morte ocorre, seja ela de forma trágica, repentina ou não, tende a causar inúmeras alterações na vida de uma pessoa, acarretando, muitas vezes, em prejuízos e modificações nos funcionamentos emocionais e cognitivos. Nesta situação, os enlutados poderão recorrer a um psicólogo, que priorizará o acolhimento e a escuta ao paciente.

Segundo Bromberg (2000), o luto infantil é frequentemente considerado um fator de vulnerabilidade que pode levar a muitos distúrbios psicológicos na vida adulta. Dessa maneira, urge a importância da presença do psicólogo e da utilização de serviços de saúde, que visam evitar, impedir ou dificultar que o falecimento de uma pessoa próxima na vida da criança se torne um problema ou uma gravidade no futuro.

Para entender a forma como a criança encara a perda e o luto, é necessário que antes o psicólogo investigue o conceito que ela tem sobre a morte e analise a maneira que imagina a morte no decorrer do seu desenvolvimento cognitivo, como falado pela psicóloga Ágata em sua entrevista.

A internalização do conceito de morte abrange também a capacidade cognitiva de adquirir noções de funcionalidade e universalidade, ou seja, estão ligadas às funções vitais, tendo a concepção de que todo o ser vivo tem inevitavelmente de morrer (Mendes, 2009, p.19).

Autores como Bowlby (1990) tem mostrado que transtornos psiquiátricos na vida adulta, como depressão e ansiedade, estariam associados entre outros aspectos, a perda por morte de um ente querido na infância, especialmente os pais. Por este motivo, é de vital relevância que o profissional de psicologia saiba como agir com a criança enlutada para fornecer o suporte necessário e eficaz para a fomentação de uma vida adulta saudável.

Nesse contexto, na entrevista da profissional Ágata, pode-se ver a relevância que ela teve em alguns casos, onde foi responsável pela comunicação e acompanhamento do luto infantil de algumas crianças durante o desastre ambiental ocorrido no ano de 2019 em Brumadinho, Minas Gerais, situação em que várias famílias sofreram com desaparecimentos e mortes, o que levou a uma dificuldade na comunicação com crianças, pois eles não sabiam como explicar a tragédia.

[...] eu lembro que a gente chegava, pintavam as varandas cheias de familiares esperando notícias, né? É uma situação muito triste, mas era uma situação muito bonita também de ver como eles se uniam para dar conta daquele luto tão grande, assim generalizado com a cidade inteira, perdendo seus familiares, e aí os pais chegavam e perguntavam, olha, a gente tem que falar com fulaninho, a mãe dele tá sumida a tantos dias, como que a gente faz? (Ágata)

Dessa maneira, reafirma-se a importância da presença de um profissional da Psicologia para elaborar junto dos familiares a melhor maneira de se contar sobre a morte de alguém querido a uma criança e também da presença desse psicólogo durante um acompanhamento terapêutico para certificar-se que a criança entende a situação e compreende a irreversibilidade da morte, contando, além disso, com um espaço para expressar seus sentimentos de luto e solidão frente à perda.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise bibliográfica cautelosa e detalhada, realizada nesta pesquisa sobre o luto e a comunicação da morte ao público infantil, torna-se evidente a falta de um modelo completamente correto de como comunicar a perda às crianças. Dessa forma, entende-se que não há apenas uma maneira certa para realizar esse processo, sendo responsabilidade da família ou de pessoas próximas à criança analisarem o contexto e as particularidades dela, para, então, escolherem a maneira mais adequada para abordarem aquela situação com ela.

Dentro desse contexto, o primeiro ponto a se pensar é em relação às diversas formas para se comunicar a perda, e que, deve-se levar em consideração a individualidade de cada situação, para assim, optar pela maneira mais adequada. Além disso, é essencial lembrar-se que uma criança no estágio pré-operatório, entre seus 5 e 7 anos, possui compreensão da morte, uma vez que ela entende conceitos abstratos, mas isso não significa que a criança consegue assimilar a notícia de uma perda com palavras complexas ou apenas com explicações simples e banais.

Como abordado nas entrevistas, a comunicação feita através de analogias e livros infantis sobre luto contribuem para a elaboração desse processo, uma vez que concretizam e exemplificam à criança a situação que ela está enfrentando. Portanto, usar a didática nesses momentos pode ser o ideal. Em adição, podemos citar o uso de metáforas, como “a pessoa virou estrelinha, foi morar no céu”. No entanto, utilizar desse meio pode ser prejudicial caso não seja feito da maneira apropriada, visto que a criança pode associar a “ida para o céu” como algo momentâneo e pensar que a pessoa pode voltar a qualquer instante. Logo, ao se utilizar metáforas, deve-se ressaltar, à criança, o fato de que a pessoa falecida não irá mais voltar fisicamente, mas que ela estará sempre na memória e no “coração”.

Ademais, outro ponto importante a ser discutido quando a comunicação da perda for realizada é a pessoa que contará a notícia. Chega-se à conclusão, depois da análise das entrevistas realizadas, que o nível de proximidade da pessoa responsável por contar a notícia ao indivíduo pode afetar profundamente a forma como a pessoa encara aquela situação e como elabora o luto ao longo de toda a sua vida. Sendo assim, indivíduos mais próximos à criança, com quem ela apresenta uma relação de afetividade, seriam idealmente os responsáveis por esse momento de comunicação, justamente pela capacidade de tornar todo o processo mais sutil, íntimo, delicado, confortável e sensível. Portanto, compreende-se que quando a notícia é dada por pessoas com as quais a criança não possui muito carinho e proximidade, o processo de entendimento e vivência do luto se tornam mais dolorosos, longos, complicados e tendencialmente traumáticos.

Outro viés extremamente relevante é a importância da presença do psicólogo como apoio. A partir de sua base acadêmica e experiência profissional, o psicólogo é a pessoa mais adequada para guiar o responsável na comunicação da perda, tendo em vista que sua base de estudos teóricos e práticos o tornam capaz de entender qual é a melhor forma de proceder nesse tipo de situação delicada e como agir diante das individualidades de cada caso. Nesse sentido, os familiares, que muitas vezes se sentem perdidos quando enfrentam essa demanda, podem ter um apoio e um guia para passar a notícia da melhor maneira e viver esse momento com a

criança. Além disso, o acompanhamento profissional com a criança durante esse processo também é importantíssimo para que ele seja vivenciado por completo e de forma esclarecedora, mas não traumática.

Diante de um cenário pandêmico, observa-se ainda, como muitas crianças tiveram de lidar com a morte de uma forma repentina, visto que o vírus da COVID-19 espalhou-se rapidamente pelo mundo e, conseqüentemente, levou ao falecimento de várias pessoas queridas. Devido a essa situação, diversos familiares não tiveram a oportunidade de se despedirem dos doentes ou nem mesmo de organizarem uma cerimônia fúnebre, por conta do estabelecido isolamento social. Dessa maneira, o luto da criança não se processou de maneira ideal: elas não tiveram a oportunidade de entender a situação, além de também perderem o contato com o resto da sociedade, o que limitou seu processo de compreensão para dentro do seu ambiente familiar de isolamento. Portanto, a fim de minimizar os impactos negativos da pandemia e garantir um processo mais fluido de vivência do luto por parte das crianças, é importante que haja, de fato, comunicação entre as partes, tanto sobre a morte, numa conjuntura marcada pelas inseguranças acerca de uma doença até então desconhecida, como também sobre as próprias inseguranças e sentimentos conflituosos diante de tantas incertezas.

No momento de comunicação do falecimento para a criança, por fim, indica-se a utilização dos métodos citados ao longo deste artigo, como a proximidade entre o comunicador e a criança, a utilização de metáforas que ajudem na compreensão da situação e o reforçamento da noção de que todos da família também estão passando pelo luto e podem auxiliar a criança no seu luto.

REFERÊNCIAS

ANTON, Márcia C.; FAVERO, Eveline. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 101-110, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v15i1.16992>. Acesso em: 12 ago. 2022.

BARBOSA, Antônio. Processo de Luto. In: BARBOSA, A.; NETO, I. G.; PINA, P. R.; TAVARES, F. (eds.). *Manual de Cuidados Paliativos*. 2ª ed. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa, 2010.

BATISTELLI, Fátima M. V. Caminhos na elaboração de um luto. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 43, n. 79, p. 155-162, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v43n79/v43n79a10.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BOWLBY, John. Formação e rompimento dos laços afetivos. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BROMBERG, Maria Helena P. F. A psicoterapia em situações de perdas e luto. Campinas: Editorial Psy II, 2000.

CATARINO, Andreia et al. A vivência da morte na criança e o luto na infância. Psicologia.pt, Portugal, 2010. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0226.pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.

COLE, M.; COLE, S. R. Experiências iniciais e vida futura. In: COLE, M.; COLE, S. R. O desenvolvimento da criança e do adolescente. 4ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CRUZ, Maria Cristina N. L. et al. Um pedaço de mim virou estrelinha: elaboração do luto infantil. Research, Society e Development, Itabira, v.10, n. 8, p. 1-7, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17255/15414>. Acesso em: 23 fev. 2022.

CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 37, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>. Acesso em: 31 mar. 2022.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 509-533, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>. Acesso em: 30 mar. 2022.

FÄRBER, Sonia S. Tanatologia clínica e cuidados paliativos: facilitadores do luto oncológico pediátrico. Cadernos Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n.3, p. 267-271, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/GQkHb5LXmhsqH5Xknr56hjs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2022.

FRANCO, Maria Helena Pereira; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmagóricas diante da morte do genitor. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 24, n.4, p. 503-511, out.-dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400009>. Acesso em: 27 fev. 2022.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

FUCHS, T. Para uma psiquiatria fenomenológica: ensaios e conferências sobre as bases antropológicas da doença psíquica, memória corporal e si mesmo ecológico. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

KLEIN, Karine. A importância dos contos de fada na elaboração do luto infantil. 2017. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2017. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/5188>. Acesso em: 18 fev. 2022.

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e Desenvolvimento Humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEANDRO, Josilaine C.; FREITAS, Patrícia M. L. de. Luto Infantil: a vivência diante da perda de um dos pais. Revista UNINGÁ, Maringá, v. 46, pp.69-75, out-dez 2015.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVÁCS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 31, n. 2, p. 390-405. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200014>. Acesso em: 23 mar. 2022.

MALLON, Brenda. Ajudar as Crianças a Ultrapassar as Perdas. Porto: Ambar, 2001.

MARCELLI, D. Os estados depressivos na adolescência. Lisboa: Climepsi Editores, 2002.

MARTINS, Jordana da Cruz. Os impactos de uma pandemia na elaboração do luto. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/7285>. Acesso em: 18 fev. 2022.

MENDES, E. A morte e o luto a partir do mito da medusa e o trabalho com crianças portadoras de doenças terminais. Psicópio: Revista virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, ago. 2009.

NUNES, D.C.; CARRARO, L.; JOU, G. I.; SPERB, T. M. As crianças e o conceito de morte. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 50-60, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300015>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan de. A epistemologia genética de Piaget. Revista FACEVV, Vila Velha, n. 2, p. 22-35, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v20n2/18.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1984.

PEREIRA, Marina Uchoa Lopes et al. Comunicação na notícia de morte e suporte ao luto de mulheres que perderam filhos recém-nascidos. Revista Paulista de Pediatria, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 422-427, out.-dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2018;36;4;00013>. Acesso em: 22 mar. 2022.

PINTO, Cristina B.; VEIGA, Francisco M. A morte no início da vida. Revista do Hospital de Crianças Maria Pia, v. 14, n. 1, p. 38-44, 2005. Disponível em: <https://repositorio.chporto.pt/bitstream/10400.16/763/1/A%20Morte%20no%20inicio%20da%20vida.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2022.

RAMOS, Vera Alexandre Barbosa. O processo de luto. Psicologia.pt, Portugal, set. 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2022.

RIVIÈRE, Claude. Os ritos profanos. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

RODRIGUES, José Carlos. Tabu da morte. 2a Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

RONCATTO, Rafaela. Luto Infantil. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4958/TCC%20Rafaela%20Roncatto.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SANTOS, Lilya Sousa; TRAPP, Edgar H. H. A elaboração do luto na primeira infância: estudo de caso clínico. Revista Ciência Contemporânea, Guaratinguetá, v. 4, n. 1, p. 50-60, jun./dez. 2018. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20190426090643.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

Semana da acolhida / FAPSIcomVC – ao vivo: LUTO E PANDEMIA. Belo Horizonte: PUC Minas, 19 mar. 2021. 1 vídeo (1 hora e 37 min). Publicado por Faculdade de Psicologia da PUC Minas. Disponível em: <https://youtu.be/GQindsSNd0E>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SILVA, Grazielle R. F. et al. Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. Online Brazilian Journal of Nursing, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 246-257, jan. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3614/361453972028.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, Wenderson Costa et al. Explorando os impactos na saúde mental de crianças durante a pandemia de COVID-19. International Journal of Development Research, Brasil, v. 11, n. 4, p. 46248-46253, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37118/ijdr.21683.04.2021>. Acesso em: 18 mar. 2022.

SOUZA, C. P. de; SOUZA, A. M. de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 35, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Acesso em: 08 out. 2022.

SOUZA, Reginaldo C. Vulnerabilidade, vida precária e luto: os impactos da pandemia do Covid-19 no Brasil. Unifesspa: Painel Reflexão em tempos de crise, Marabá, v. 25, p. 1-15, 2020. Disponível em: https://acoescovid19.unifesspa.edu.br/images/Vulnerabilidade_vida_prec%C3%A1ria_e_luto_os_impactos_da_pandemia_da_Covid-19_no_Brasil_-_25_de_maio.pdf. Acesso em: 20 set. 2022.

SPEECE, Mark W.; BRENT, Sandor B. Children's understanding of death: A review of three components of a death concept. Child Development, v. 55, n. 5, p. 1671-1686, 1984. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.2307/1129915>. Acesso em: 10 maio 2022.

TORRES, Wilma da Costa. O conceito da morte em crianças portadoras de doenças crônicas. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v. 18, n. 2, p. 221-229, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200012>. Acesso em: 23 set. 2022.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. Psicologia Hospitalar, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 78-93, jan. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ph/v14n1/14n1a05.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.